

JORNALISMO E REDES SOCIAIS: A POSSIBILIDADE DE UM NOVO ESPAÇO PÚBLICO¹

Michele Negrini²

Eduarda Schneider Lemes³

Luiz Ricardo Goulart Hüttner⁴

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo fazer uma discussão sobre as possibilidades de interação que a internet tem oferecido aos cidadãos. Analisamos as postagens de usuários do site de rede social Facebook, através dos comentários em postagens diferentes em uma página de um grande veículo de comunicação, o Estadão⁵. Através da conversação entre os atores envolvidos, foi possível observar que o espaço das redes sociais pode ser um espaço público para o exercício da democracia. Focamos na observação dos comentários sobre as manifestações que ocorreram nos meses de junho e julho de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: *Conversação, Espaço Público, Facebook, Redes Sociais, Estadão.*

ABSTRACT: The present review pretends to make a discussion about the interaction possibilities that the internet has offered for citizen. We analyzed the posts of Facebook users, by the comments made in different posts of a large communication vehicle, the Estadão. Through the conversation between the involved actors, it was possible to note that the social networks space can be a public space for the exercise of democracy. We focused in the observation of commentaries about the manifestations which occurred during June and July 2013.

KEYWORDS: *Conversation, Public Space, Facebook, Social Networks, Estadão.*

¹ Trabalho apresentado no IV SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação – da Universidade Federal de Santa Maria.

² Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPELE).

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPel.

⁴ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPel.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao?ref=ts&fref=ts>

O ESPAÇO PÚBLICO E O EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO NA INTERNET

Por espaço público de participação democrática entende-se o lugar emblemático de troca de ideias e informações que levem à formação da opinião pública. Segundo Habermas, “trata-se de um espaço simbólico, no qual se opõem e se respondem os discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais e intelectuais, que constituem uma sociedade” (HABERMAS *apud* WOLTON, 2004, p. 511). Um espaço que pressupõe o debate crítico e democrático acerca de temas comuns à sociedade, onde se pretende favorecer o diálogo visando a busca pelo estreitamento das relações entre a sociedade civil e o Estado.

O conceito de democracia, criado na Grécia Antiga, é um sistema em que o povo tem o poder de participar da política, fazendo isso, através do voto. Um dos princípios básicos da democracia é a liberdade de expressão de um povo. Carolina Matos, no livro *Jornalismo e Política Democrática no Brasil*, diz que:

[...] a democracia deve ser entendida como a expansão dos direitos políticos para um grupo maior de pessoas, fora a liberdade dada aos cidadãos para participar da vida política e investigar o poder, para assegurar que este seja usado a favor do interesse público. A democratização de uma dada sociedade, ou o seu desenvolvimento democrático, pode ser entendida como construída pela ocupação de novos espaços políticos e sociais por novos grupos e por seus valores/ideias (MATOS, 2008, p. 12).

Entendendo a comunicação na óptica de Dominique Wolton (WOLTON, 2004) como sendo a condição de funcionamento da democracia, diversos espaços públicos se consolidam através dos meios de comunicação. Porém, com a discrepância quanto ao conteúdo veiculado nos meios de massa e a tomada de conhecimento que a população adquire acerca dos meios a cada dia na Internet, um novo espaço vem se consolidando e mostrando suas características enquanto meio para o exercício democrático da cidadania.

A Internet e as novas tecnologias de comunicação que, de acordo com Ferreira em artigo publicado no livro *Teorias da Comunicação*, tratam-se de “meios indutores de mudança organizacional e de novas formas de gestão do tempo, ao procurarem a síntese da retórica textual e visual, promovendo novas modalidades de transmissão e ferramentas de reconstrução social” (FERREIRA, 2004, p. 213), propiciam uma nova

forma de interação entre as pessoas, materializando uma nova percepção de cidadania. Atualmente, os meios de comunicação de massa não abrem mão de possuir uma página na Internet para divulgar e propagar suas informações na rede. Porém, não só eles. Cada vez mais, novas mídias, ditas alternativas, ganham espaço na blogosfera aumentando o espectro informativo da população conectada ao mundo cibernético.

Octavio Ianni, em *Príncipe Eletrônico*, percebe as interações na Internet como técnicas sociais que permitem o entendimento acerca da importância das tecnologias na mídia.

Tomados em seu devido tempo e contexto, esse pode ser o caso do telefone, telégrafo, rádio, cinema, televisão, computador, fax, correio eletrônico, internet, ciberespaço e outras inovações e combinações de tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas. São organizadas, mobilizadas, dinamizadas e generalizadas como técnicas de comunicação, informação, propaganda, entretenimento, mobilização e indução de correntes de opinião pública, mitificação ou satanização de eventos, figuras, partidos, movimentos e correntes de opinião, colaborando mais ou menos decisivamente na invenção de heróis ou demônios, bem como na fabricação de democracias ou tiranias (IANNI, 1999, p.20).

A população, utilizando-se da infinidade de conteúdo veiculado, opina, comenta, difunde e interage com os meios e entre si, fazendo uso das características que a rede oferece para produzir, divulgar e conectar conteúdos, promovendo trocas e interconectividade entre pessoas de diferentes lugares e diferentes culturas, legitimando a rede como um novo espaço para o debate e para a troca de ideias.

Com a popularização da internet, e principalmente das redes sociais, ela se torna um ambiente propício para a maior e melhor informação ao cidadão. Surge um espaço alternativo às mídias de comunicação de massa, um espaço mais acessível, onde é possível estar informado de tudo o que acontece no mundo. Na internet, cria-se então a democracia digital, como afirma Wilson Gomes:

[...] democracia digital usualmente se faz referência a um montante de experiências, iniciativas e práticas políticas que guardam relação com a ideia ou as instituições da democracia, na medida em que tais experiências, iniciativas e práticas se apoiam em dispositivos, ferramentas e recursos típicos das tecnologias digitais de comunicação e informação, principalmente nos relacionados à internet (GOMES, 2010, p. 242).

Os novos dispositivos fazem a informação chegar aos mais variados lugares no menor tempo possível. Agora, existe uma explosão da liberdade de expressão, renovam-se as condições de vida pública e aumentam as responsabilidades do cidadão. É a

ciberdemocracia. Nela, o indivíduo é mais livre. Nesta configuração, a democracia não só diz que os direitos são iguais, mais do que isso, ela encoraja o pensamento coletivo.

Um dos principais fundamentos da ciberdemocracia é que todos podem expressar suas opiniões, sem intermediários, sem ter pauta decidida por editores ou por colunas disponíveis ou por tempo de exposição.

Todos podem manifestar sua opinião. Esta pode ser mais ou menos relevante, mas não deixa de ser uma opinião. Como diz Pierre Lévy, esta:

[...] espantosa disponibilidade das informações, de toda a espécie, respeitantes à vida política, assim como o frequentar de fóruns de discussão civilizados e bem organizados, tornam o debate político cada vez mais 'transparente' e preparam uma nova era de diálogo político que conduz a democracia a um estágio superior: a ciberdemocracia (LÉVY, 2003, p 124).

Recentemente, durante as manifestações que tomaram o país, foi através da Internet que diferentes informações tomaram conta do imaginário da população e articularam movimentos que mobilizaram pessoas para sair às ruas e pedir por um país mais justo. Apesar de considerar-se a instabilidade das pautas de reivindicação e a organização dos eventos que tomaram as cidades, a Internet agrupou pessoas que discutiram sobre uma situação pública e possibilitou que diferentes pontos de vista fossem disseminados pela grande mídia.

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO PÚBLICO NA INTERNET

A comunicação e as diversas vertentes que possui são dotadas de espaços públicos que podem favorecer o exercício democrático em diferentes proporções. Na Internet, a afirmativa não se faz diversa. Partindo do pressuposto de que o cidadão deve estar bem informado acerca das questões que envolvem o país e, em específico a sua comunidade de vivências, para que possa exercer plenamente sua função democrática de reger seu território através de uma figura instituída pelo voto, entende-se a relevância social e política do espaço público na contemporaneidade.

Com o advento da Internet e a migração dos meios de comunicação para a rede, os debates foram possibilitados de forma mais direta, seguindo a linha do *feedback* para o veículo de comunicação e das comunidades virtuais, que se unem por afinidade a certo tema. A sociedade civil, como constatado através de pesquisa para o presente artigo, se utiliza cada vez mais das redes sociais, o mesmo espaço de lazer, para se

manifestar acerca dos acontecimentos cotidianos veiculados pela mídia ou não. Para Rousiley Maia:

A internet estende o diálogo e a troca de argumentos para além dos encontros face-a-face. Particularmente em fóruns de natureza crítica – listas de discussão, grupos políticos, fóruns virtuais, etc. – os indivíduos têm a oportunidade de apresentar suas inquietudes, negociar seus entendimentos e trocar argumentos, promovendo uma “batalha de ideias” on line. (MAIA, 2008, p. 120).

O debate incitado via redes sociais compreende possibilidades que afirmam a rede como espaço público de democracia ou que não asseguram esse caráter para a web. A forma através da qual as redes sociais serão manejadas depende da sociedade civil cibernética e do uso que esta quer fazer do novo meio em que obtém informação. Assim como pode promover o diálogo e a troca de argumentos, legitimando as redes sociais como um ambiente propício à crítica e reflexão sobre os temas que forem pauta no debate, a sociedade civil pode levar as redes a não terem alguma diferença efetiva enquanto espaço público. Para Maia, o que define a sociedade civil é o que ela faz, como se organiza e se relaciona com outros agentes (MAIA, 2008, p. 114), isso não somente para o ambiente virtual.

A interatividade, há poucos anos, era vista apenas como a capacidade de escolha do cidadão consumidor de conteúdo jornalístico frente ao site de algum veículo de comunicação na Internet. A grande mudança na recepção do conteúdo era a possibilidade de o leitor de webjornalismo poder optar pelas informações que gostaria de obter, seja através do tema, redator, veículo de informação, ou da flexibilidade que a Internet como arquivo de notícias permite. Com as redes sociais essa situação já não é mais a mesma. A partir do momento em que através de seu próprio perfil o leitor consegue expressar opinião, comentar notícias e compartilhar informações praticamente em tempo real, as características da web permitem mais do que apenas o poder de escolha.

ANÁLISE DO PERFIL ESTADÃO

O ESTADÃO

O Estado de São Paulo, um dos jornais mais influentes e de maior circulação no país, teve sua fundação no dia 4 de janeiro de 1875, com o nome A província de S.

Paulo, até o ano de 1900, quando passou a ter sua atual designação. No ano de 2000 ocorreu a fusão entre três sites (Agência Estado, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde) que resultou no portal estadão.com.br, um portal noticioso em tempo real, chegando já no ano de 2003 à marca de um milhão de visitantes por mês. No dia 5 de abril, o portal aderiu à rede social Facebook. Desde então, a página conta com mais de 750 mil curtidas.

O Estadão passou pelas diferentes fases do webjornalismo. Primo e Träsel (2006) refletem sobre essas etapas:

A primeira geração é a da transposição do modelo do impresso para as redes digitais. As notícias seguem o padrão de texto e diagramação do jornal tradicional, agregando poucos recursos para a interação com o leitor, em geral apenas e-mail e um menu de navegação, mas também fóruns e enquetes. Na segunda geração, alguns elementos específicos da Web passam a ser agregados à notícia online, embora esta continue seguindo o padrão de texto da edição impressa. Porém, passa-se a oferecer recursos de hipermídia, lista de últimas notícias e matérias relacionadas, bem como material exclusivo para a versão online. Já na terceira geração as publicações online incorporaram a hipermídia à produção do texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias digitais (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 7).

O que é perceptível é que os veículos de comunicação brasileiros que já estão na rede fazem o uso das possibilidades geradas pelos recursos da web 2.0, como espaço para comentários, recomendação de conteúdo e compartilhamento de informações. Lemos (2009) afirma que não há mais um emissor e um receptor da informação, o que acontece agora se aproxima mais de uma conversa do que uma recepção.

Nesse contexto, as redes sociais emergem como uma forma mais facilitada de receber e propagar a informação, de ser visto e poder ver. Os fóruns de discussão, propostos pelos grandes veículos em suas páginas oficiais na web, são menos atrativos do que suas páginas no Facebook, pois nos fóruns de discussão há outros fatores que causam ruído no fluxo da troca de informação. Nesses espaços é preciso o cadastro com nome, *email*, *nickname*, o que não ajuda o usuário a expressar sua opinião, além do que naquele espaço há a mediação de um editor, que seleciona e filtra o que será ou não publicado em determinado fórum.

A facilidade que o Facebook trouxe é infinitamente maior do que o espaço limitado nos fóruns de discussão. Hoje esta rede social conta com mais de um bilhão de usuários, sendo 73 milhões somente no Brasil. O cadastro para ter acesso a esta rede social é simples, rápido e gratuito, o que agradou ao consumidor brasileiro. Os grandes

veículos de comunicação, vendo a crescente utilização dessa ferramenta, se inseriram rápido nesse novo contexto, criando e mantendo suas páginas no site.

Através das páginas é possível postar texto, *links*, fotos, gráficos, além das opções para curtir, compartilhar e, principalmente, a opção de comentar o que é postado, além de poder responder usuários nos seus próprios comentários.

Nesta análise foi feito um recorte de três postagens do perfil oficial do Estadão no Facebook, antes, durante e depois das grandes mobilizações que pararam o Brasil por alguns dias.

RECORTE DAS POSTAGENS

Uma das vantagens da conversação através dos comentários no Facebook é a conversação assíncrona, ou seja, uma conversação em que não é necessário estar online o tempo todo para estar ciente do que se passa, já que é possível postar a qualquer momento, mesmo que o assunto principal da postagem já seja diferente do início da conversa. Os atores podem não ser os mesmos, mas o ambiente é propício para a conversação entre muitos interagentes, que não necessitam estar mediando a conversa.

A conversação assíncrona, assim, acontece porque o ambiente registra as mensagens e as representações, permitindo que indivíduos que visitem o ambiente em momentos diferentes possam dar continuidade à conversação. A copresença, assim, não acontece apenas quando os indivíduos estão sincronizados na mesma ferramenta ao mesmo tempo, mas, igualmente, quando estes estão acessando a conversação em tempos diferentes. Ou seja, o que permanece é o ambiente da conversação, e não os interagentes (RECUERO, 2012, p. 54).

Nas conversações mediadas por computador (CMC), todo o processo é negociado entre os atores envolvidos, segundo Recuero:

Embora o ciberespaço, em princípio, seja um espaço virtual, constituído pelos fluxos de informação e comunicação que circulam pela infraestrutura da comunicação digital (LÉVY, 1999), ele é um espaço também constituído e negociado pela participação dos atores através da conversação (RECUERO, 2012, p. 40).

O sistema de comentário no Facebook passou, recentemente, por mudanças. Agora o site organiza os comentários não somente por ordem cronológica, mas também por critérios de importância, ou seja, aquele comentário mais curtido e mais respondido será o que aparecerá primeiro. Outra possibilidade é a opção do compartilhamento.

Através dele, o interagente está repassando para seus contatos uma informação já publicada por outra pessoa ou veículo de comunicação, podendo gerar mais comentários, mais interação, mais informação. Assim:

O sistema do Facebook organiza as conversações na medida em que um usuário publica uma informação e os interagentes podem responder à publicação abaixo dela. Contudo, através do recurso de *share*, alguém pode repassar a informação para sua rede, iniciando outra discussão e, ao mesmo tempo, referenciando um outro início (RECUERO, 2012, p. 73).

No dia 15 de maio de 2013, depois de longas sessões de discussão, a Medida Provisória dos Portos teve o seu texto base enviado ao congresso. Um passo importante para muitos estados brasileiros. O Estadão divulgou em seu perfil neste dia a manchete (seguida do link para o site): “Câmara convoca sessão extraordinária para concluir votação da MP dos Portos. Após 18 horas de sessões consecutivas, plenário aprova texto-base, mas falta concluir votação de emendas⁶.” Porém a repercussão de tal acontecimento não se tornou viral na rede, havendo poucos comentários, poucas curtidas e uma quantidade extremamente pequena de compartilhamentos. A postagem recebeu 46 opções curtir, 20 compartilhamentos e apenas 11 comentários. Percebe-se que nesta postagem não há troca de informações entre os interagentes, há apenas comentários de desabafo, como por exemplo:

Ator A: Parece que fazem um favor à Nação.

Ator B: Hora boa para uma negociata.

Ator C: É sempre assim.

Depois da onda de protestos, iniciados através das redes sociais, em especial pelo Facebook, o usuário percebeu que seu comentário, foto, depoimento e sua opinião poderiam, de alguma forma, fazer a diferença. Isso é visível na postagem do veículo feita no dia 17 de junho de 2013. Com o título “SP: Protesto cresce e chega a pelo menos 30 mil manifestantes, segundo contagem da PM⁷”, seguido do link para reportagem completa. Essa postagem recebeu 23.012 opções curtir, 13.863 compartilhamentos e 911 comentários, número muito maior do que as postagens

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/656989574316108>

⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=677338365614562&set=a.124486140899790.24501.115987058416365&type=1>

anteriores, relacionadas a questões políticas que poderiam implicar grande impacto social para a vida dos brasileiros.

É possível analisar também que a conversação entre os atores é mais forte e tem mais intensidade. Também é possível notar que a interação se faz muito mais presente e os comentários com profundidade ganham o destaque, como por exemplo:

Ator A: Um bom protesto sem vandalismo seria todo o estádio no próximo jogo do Brasil cantar o hino nacional de costas, levantando mensagens escritas como "Esse protesto não é contra a seleção, mas sim contra a nossa corrupção" teria um efeito mundial imediato potente e sem violência. A Copa das Confederações pode render bons e criativos protestos... Vamos aproveitar a mídia INTERNACIONAL. – 466 opções “curtir” e 27 respostas.

Seguindo no mesmo exemplo, podemos perceber que o ator inicial (ator A), permanece mediando a conversa. Entre muitos comentários sugerindo novas formas de manifestação, apoiando a ideia do ator A, há quem não concorde e expresse isso através da resposta.

Ator B: parabéns excelente ideia, devemos difundi-la.

Ator C: boicote à copa!!

Ator A: Mas a copa vai mostrar o BRASIL de forma verdadeira e isso fazemos bem somos alegres acolhedores e passamos isso pro mundo. É BOM DEMAIS.

Ator D: UMA PÉSSIMA IDÉIA! A onde foi parar o patriotismo? É assim que vamos receber os convidados? É preciso fazer um movimento contra a corrupção sim! Porém, não podemos esquecer que somos brasileiros e, embora nosso país esteja recheado de parasitas políticos, ladrões, fraudadores etc..., não podemos nos tornar LESA PÁTRIA como eles! Sou contra! Aos nossos visitantes as nossas boas-vindas, o nosso respeito, nosso amor e o nosso patriotismo soberano!

Conforme foi explicitado, o espaço destinado aos comentários serviu para novas ideias, novas sugestões, foi um espaço para a difusão de ideias que ganhou visibilidade na medida em que o comentário do ator A foi curtido centenas de vezes e respondido algumas dezenas de vezes.

Na mesma postagem é possível observar a produção colaborativa e descentralizada de conteúdo, ou seja, pessoas de outras localidades prestando

informações sobre o que estava acontecendo em suas cidades, usando os comentários de um grande veículo de comunicação para ganhar maior visibilidade.

Segundo Bruno (2010) apud Recuero (2012, p.153):

há uma reordenação dos modos de ver na cultura contemporânea do espaço digital. A visibilidade está diretamente relacionada com a presença e com a narrativa da presença. A visibilidade na rede também constitui uma reordenação dos modos de conversar. Para que se possa participar da conversação, é preciso não apenas ser visível, mas também é preciso que a conversação esteja visível. Mais do que ser ouvido, para conversar é preciso também ser visto.

Ou seja, comentar em uma grande página no Facebook (como o Estadão), pode gerar ao ator mais visibilidade, já que restrita ao seu círculo de amigos (no máximo 5 mil), sua opinião poderia não surtir efeito tão amplo.

Claro que há espaço para tudo na rede social. Há espaço para a informação, para o entretenimento, para assuntos relevantes e outros nem tanto. Toda a postagem que remeta para as manifestações envolve diversos atores. Como a postagem do dia 28 de julho de 2013, com o seguinte título: “‘Onde estão as vozes da rua, que não estou ouvindo?’, ironiza deputado Campos Machado (PTB-SP), autor da PEC 01/13, que tira dos promotores de Justiça o poder de investigar prefeitos, secretários de Estado e deputados estaduais⁸”.

Essa postagem obteve 3.853 opções “curtir”, 12.840 compartilhamentos e 1.851 comentários. Classificados por grau de importância e relevância (segundo organiza o Facebook), os principais comentários foram:

Ator A: É neste tipo de idiota que os vândalos tem que atacar. Já que vão vandalizar, que façam direito. – 846 “curtir” – 26 respostas

Ator B: Isso é a prova de que eles não tem medo. Eles nos afrontam!!!! Jogam na cara da população que fazem o que querem, como querem e a gente que se FODA!!!! Temos que continuar indo pra rua até arrancar esse câncer de nosso país!

Ator C: Se ele não esta ouvindo ninguém questionar a PEC dele, é hora de inserir ela na pauta, retirar o poder do ministério de investigar prefeitos e deputados em casos de improbidade é a mesma coisa que dizer para eles roubarem ainda mais e ainda por cima

⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=684277271587338&set=a.124486140899790.24501.115987058416365&type=1>

confessar que ninguém poderá fazer nada, se eles não devem, não tem porque temer o Ministério Público.

O recurso da opção de responder aos comentários no Facebook ajudou muito a organizar as conversas. No comentário que mais recebeu respostas (Ator A), a conversa aconteceu não entre 26 diferentes atores, mas alguns atores que trocaram informações sobre a vida política do referido deputado, não influenciando, no caso, nos comentários referentes à matéria.

A conclusão que se pode chegar é que através do espaço público que a internet tem proporcionado para os cidadãos é possível interferir, opinar e mostrar outras vertentes de uma mesma história. No Facebook, o filtro é mais amplo, tudo que é falado é ouvido por alguém, nem que seja por alguns poucos segundos. Não há mais o crivo do selecionador. Há até mesmo a possibilidade do perfil do veículo de comunicação, responder a seus leitores.

O Estadão utiliza desses espaços de comentários também em sua edição impressa. Os comentários mais relevantes sobre algum determinado assunto são integrados na parte impressa do jornal, no espaço destinado ao leitor, o que antes era possível ser feito somente através de carta, e mais recentemente por *e-mail*.

O Facebook se mostra com mais uma funcionalidade: a de ser um espaço público democrático para o cenário contemporâneo que vivemos, onde o acesso à rede está cada dia mais facilitado, onde as redes sociais estão no cotidiano das pessoas e onde a opinião não está mais nas mãos de poucos.

Assim, Recuero define que as conversações em rede:

diferenciam-se das demais conversações no espaço digital porque, constituídas dentro das redes sociais online, são capazes de ‘navegar’ pelas conexões dessas redes, espalhando-se por outros grupos sociais e por outros espaços. São conversações que permeiam diversas redes sociais, recebendo interferências e participações de indivíduos que, muitas vezes, não estão sequer conectados aos participantes iniciais do diálogo. São conversações públicas que migram dentro das diversas redes e que, deste modo, interferem nas redes sociais que utilizam as ferramentas. Assim, uma conversação em rede nasce de conversações entre pequenos grupos que vão sendo amplificadas pelas conexões dos atores, adquirindo novos contornos e, por vezes, novos contextos (RECUERO, 2012, p. 123).

Ou seja, não é necessário ser amigo ou ter uma relação próxima para poder comentar, expor sua opinião e para começar uma conversação. Basta estar inserido em uma rede social para poder ser iniciado o processo de conversação.

CONCLUSÃO

A partir da análise realizada em três diferentes postagens do perfil do Estadão no Facebook, considerando este como um veículo de grande relevância no cenário midiático nacional, observa-se o estabelecimento de uma nova tendência no uso das redes sociais entre os atores envolvidos. Considerando a movimentação em nível nacional em prol das mobilizações que interferiram na rotina da população brasileira, houve uma mudança de hábitos também dos usuários da rede.

Através da pesquisa realizada para o presente artigo, foi possível observar que as redes sociais podem sim ter um caráter democrático. Além disso, reforça-se a ideia de que não basta a rede social apenas existir na rede. Para haver a possibilidade de mobilização, é preciso a participação efetiva e profunda dos atores envolvidos. O espaço na rede somente se torna público no momento em que existe o debate e a troca de ideias entre as diversas instâncias da sociedade civil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, G. B. *Teorias da Comunicação*. Corvilhã: Ed. Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, 2004.

GOMES, Wilson. *Democracia digital: que democracia?*. In: Mídia, representação e democracia. MIGUEL, Luís Felipe e BIROLI, Flávia (organizadores). – São Paulo: HUCITEC, 2010.

IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. São Paulo: Ed. Perspectivas, 1999.

LEMOS, A. *Nova Esfera Conversacional*. In: Dimas A. Künsch, et al, *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/1771453/Nova_esfera_conversacional. Acesso em: 19 set. 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MAIA, R.C.M. *Comunicação e democracia: problemas e perspectivas*. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

MATOS, Carolina. *Jornalismo e política democrática no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2008.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. *Contracampo (UFF)*, v. 14, p 37 -56, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: UNB, 2004.

Histórico do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>. Acesso em: 23 ago. 2013.